

**SESSÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO INTERNACIONAL 270 ANOS DA  
PRESENÇA AÇORIANA EM SANTA CATARINA: MAR, HISTÓRIA,  
PATRIMÓNIO, LITERATURA E IDENTIDADE**

**Florianópolis, 19 de abril de 2018**

***Intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro***

Começo por dirigir a todos os presentes uma calorosa e fraterna saudação, ao mesmo tempo que manifesto o imenso gosto que é, para mim, poder participar nesta Sessão de Abertura do Congresso sobre os 270 anos de presença açoriana em Santa Catarina.

Cumprimento, por isso, de modo particular, e desde logo, o Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, na pessoa do Senhor Conselheiro José Ney Ascari, por nos acolher hoje aqui, bem como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, na pessoa do seu Presidente, Augusto César Zeferino, e a Academia Catarinense de Letras, também na pessoa do seu Vice-Presidente, Liberato Manoel Neto, não apenas pelo honroso convite que me endereçaram para esta Sessão de Abertura, mas, sobretudo, pela iniciativa de organizar um tão importante evento à volta desta temática.

Permitam-me, ainda, que saúde o Senhor Governador Eduardo Pinho Moreira, que, com a sua presença, prestigia ainda mais este encontro e testemunha a atenção que, também do ponto de vista político e institucional, é dispensada à memória açoriana em terras de Santa Catarina.

Agradeço-lhe, em especial, o amável convite que me dirigiu para visitar oficialmente o Estado de Santa Catarina, o qual muito me honrou e a que correspondi com gosto e com muita honra.

Gostaria, igualmente, de cumprimentar o Senhor Prefeito Gean Marques Loureiro, pela sua presença e pela sua atenção em participar num evento em que também celebramos, exatamente, memória e identidade.

Nesta deslocação que realizo a Santa Catarina, tenho a honra de ser acompanhado por uma delegação da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, composta pelo Senhor Deputado José Carlos San-Bento, do Partido Socialista, pelo Senhor Deputado António Marinho, do Partido Social Democrata, e pelo Senhor Deputado Alonso Miguel, do Centro Democrático Social-Partido Popular, os quais representam, nesta visita e neste momento, a comunhão de todos os Açorianos, através dos seus representantes democraticamente eleitos, com o espírito, o sentido e a celebração em que se traduz a realização deste Congresso.

Tenho, igualmente, o prazer de, na minha Comitiva, contar com a presença do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, José Álamo de Meneses, e do Senhor Presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Tibério Dinis.

Em qualquer um dos casos, trata-se de cidades açorianas que estão geminadas com Florianópolis e que, ao marcarem presença neste momento, reforçam e estendem, também ao nível do poder local, as ligações e o sentimento de identidade comum que nos une.

O que aqui nos trouxe e o que aqui nos reúne pode resumir-se numa simples palavra: Açorianos.

Aqueles que, por uma herança de 270 anos, passada de geração em geração, fizeram prolongar-se no tempo o gene da gente que, nas palavras de Virgílio Várzea, jornalista e escritor do século XX, tinha – e cito - “uma rara tenacidade, afazendo-se facilmente às dificuldades, às privações e agruras do meio, conformando-se com tudo, pacífica e resignadamente”.

Com efeito, várias obras e arquivos sobre esse tempo sustentam que a construção do alémmar português em muito se deve aos Açorianos, que, logo a partir do século XVI, se deslocaram para as principais frentes de expansão - África e Índia -, sobretudo por motivações políticas, militares e religiosas.

Mais tarde, já no século XVII, crescem substancialmente as saídas de ilhéus já com destino brasileiro, na sua maioria Açorianos do Grupo Central, das ilhas do Faial e do Pico, mas também da Graciosa, em busca de melhoria de condições de vida.

Mas é no século XVIII que aumenta a procura do Brasil por Açorianos.

Em 1746, uma determinação de D. João V autorizou o transporte de 4.000 casais dos Açores e da Madeira para o Brasil Meridional, uma nova oportunidade num novo mundo, aproveitada por cerca de 6.000 Açorianos que partiram para a ilha de Santa Catarina.

Ilha de Santa Catarina que se constituiu, então, como a principal prioridade da colonização açoriana.

E isso deve-se, desde logo, às condições de acolhimento no Brasil, que eram consideradas muito dignas, e que foram acompanhadas com instruções régias sobre o estabelecimento dos Açorianos em terras de Santa Catarina, quer na viagem, quer inclusivamente na acomodação, determinando o Rei, por exemplo, a constituição de povoações de 60 casais nos sítios tidos por mais apropriados.

Cometi a ousadia de, perante tão ilustre e qualificada plateia, tocar nesta referência de contextualização histórica apenas para nos enquadrarmos num tempo que, apesar de passado, tem também muito a ver com o presente que vivemos.

Afinal, o que nos traz aqui hoje é exatamente o princípio de tudo, a colonização setecentista açoriana que, mais do que um mero tema ou efeméride que assinalamos, é, isso sim, um laço cultural e identitário que, neste tempo, nos une ao tempo passado, aos nossos antepassados.

Laço cultural e identitário que nos une enquanto Açorianos.

Como bem sabemos, a história e a cultura açoriana evidenciam a presença do Mar, que emoldura e singulariza o quotidiano do nosso Povo.

É, pois, dessa cultura construída gradativamente de símbolos e significados, transmitidos ao longo dos tempos, que fala esta nossa presença aqui para assinalar estes 270 anos.

É a compreensão das raízes culturais, o chegar à sua origem, princípio e forma como foi construída até se tornar na cultura de um Povo.

Disso - não tenho a menor dúvida -, ou melhor, também disso, o Povo Açoriano pode orgulhar-se.

Pode orgulhar-se das suas raízes culturais, das que aqui desembarcaram, em pleno século XVIII, e que hoje se mantêm vivas, sem serem forçadas, sem acontecer porque tem que ser, mas sim, e com mais do que suficiente evidência factual, por que está colada à pele de cada um, acesa na celebração do Divino Espírito Santo, como forma pura de fé e celebração que nos une sem necessitar de nada em troca.

Percebe-se facilmente a importância de se conhecer as raízes da própria cultura para que haja a formação de identidade, no propósito de definir a nossa cidadania.

No caso concreto dos Açores, essa interação permanece, quer entre as nove ilhas do arquipélago, quer em qualquer outro lugar da nossa Diáspora.

Facilmente conseguimos percebê-las, por exemplo, por intermédio da Literatura.

Percebe-se, por exemplo, no livro de Lauro Junkes sobre a presença açoriana na literatura catarinense intitulado “Açores - Travessias”.

Entre os vários autores ali comentados, ficamos com a percepção muito clara, e não raras vezes até comovida, confesso, de que tudo está, de certa forma, interligado.

Os temas tratados são os nossos, desde o passado, até à modernidade.

É a Saudade.

É o Mar.

São as tradições do nosso Povo.

É o nosso modo açórico de ser e de estar, tão bem definido por Vitorino Nemésio como “Açorianidade”.

Permitam-me que, a propósito do que vos quero transmitir hoje, me socorra, novamente, de Virgílio Várzea e deste pequeno excerto sobre o Espírito Santo que está presente naquela obra.

Cito: “A minha vida, há anos, expandiu-se alegre e feliz. Era o dia da festa do Espírito Santo no lugar onde nasci. Domingo assim, como esse, delicioso e inefável, jamais eu o passara na província, e dele me ficou, no espírito, uma lembrança indelével”.

Virgílio Várzea, - todos o sabem -, nasceu em Florianópolis.

Mas se, porventura, não o soubéssemos, ao ler essa passagem seríamos levados a pensar que tinha sido numa ilha dos nossos Açores, tal é o sentimento impresso em cada uma destas palavras e que poderia ter sido sentido por qualquer um de nós, aqui presentes.

Por aqui se percebe que a Cultura, a Identidade e a História do nosso Povo é, tem sido, construída a partir das ações, das interações sociais, e que, estando um Açoriano onde estiver, fazendo o que quer que faça, estará sempre construindo uma história de vida, onde os hábitos e costumes, as manifestações e expressões ou os sentimentos estão sempre lá, puxando para o lado do “apego à terra”, mesmo que essa terra possa ser, e em muitos casos é mesmo, apenas um cenário contado pela avó ou pela mãe, passado de boca em boca, como um pequeno tesouro guardado.

É esse património cultural, humano e histórico que vibra na passagem de 270 anos de presença açoriana, aqui, em Santa Catarina.

É esse património que dá um sentido novo e aberto de esperança, que não se fecha em conservadorismos, nem nos amarra ao passado, mas que antes nos lembra, dia após dia, ano após ano, a necessidade de sermos legítimos, orgulhosos e felizes por sermos Açorianos.

Ora, como sabemos, só as nossas raízes culturais e históricas, as que sustentam o património onde nos abrigamos, nos dão essa legitimidade que é a de termos memória cultural.

“Ao longo da vida, a nossa identidade vai-se alargando (deve alargar-se) para o universal. Mas todo o universal tem o seu chão”, escreveu Onésimo Teotónio de Almeida.

Na verdade, para lá da geografia das ilhas, para lá dos limites das terras que nos acolheram por todo o mundo, o nosso chão é o mar.

E é nesse mar, nesse caminho gigante de descobertas e travessias, que nos unimos todos uns aos outros como um Povo.

O Povo Açoriano!

Para sustentar o que acabei de vos transmitir, relembro o tanto que todos sabemos sobre a nossa história, de como chegamos aqui, que caminho tomámos, a que destino pertencemos, a nossa literatura, a nossa cultura, o nosso património, o basalto de que somos feitos, - o tal que nos corre nas veias, como diz a canção -, a dupla natureza que temos, como escreveu Nemésio, e ainda o Mar.

Sempre o Mar.

O Mar que nos incentiva a sermos melhores do que somos ou do que fomos.

É, por isso, que termino a minha intervenção com as palavras de uma poetisa portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen:

“Há um intenso orgulho na palavra Açor e em redor das ilhas o mar é maior”.

Que esse Mar maior que abraça também Santa Catarina, esta “ilha da magia”, nos prolongue no tempo e nos faça vencer todos os desafios que nos aparecerem pela frente para que possamos celebrar sempre, e em toda a parte, esta maravilha que é ser dos Açores: aqui, no Brasil, ali, no Uruguai, acolá, nos Estados Unidos e no Canadá, ou, simplesmente, onde houver um Açoriano livre.

Muito obrigado a todos.